

# Trajatória e travessias do desenvolvimento humano

Maria Beatriz ROCHA FERREIRA\*

\*Faculdade de  
Educação Física,  
Universidade Estadual  
de Campinas.

## Introdução

A oportunidade de ter sido formada na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo nos diferentes níveis - graduação, iniciação científica, especialização e mestrado foi de grande significado para minha vida profissional e pessoal. Agradeço o convite para escrever este artigo relatando o percurso de minha trajetória acadêmica, as diferentes travessias e as contribuições realizadas. Inicialmente relatarei alguns fatos significativos da minha vida estudantil e formação profissional.

As sementes para a pesquisa foram plantadas nos últimos anos da graduação e primeiros anos de vida profissional, nas oportunidades que tive no Centro/laboratório Interdepartamental de Pesquisa da Escola de Educação Física com os Professores Doutores Maria Augusta Peduti Dal' Molin Kiss e Mario de Carvalho Pini. Os estudos e pesquisas relativas ao sistema cardiovascular forneceram noções básicas para compreensão do processo adaptativo ao esforço físico (1973-1978). Na época outros laboratórios de pesquisas também foram formados, os das Universidades Federais do Rio de Janeiro pelo Dr. Maurício Leal da Rocha e de Porto Alegre pelo Dr.

Dante de Rose e o Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (atual CELAFISCS) pelo Dr. Victor Keihan Rodrigues Matsudo. Foi uma fase quando ocorreram os primeiros eventos científicos em medicina do esporte e educação física, apoio governamental de intercâmbios com universidades do exterior e publicação de pesquisas.

A década de 70 foi um momento propício para o início do desenvolvimento científico em Educação Física. As universidades públicas e os órgãos de fomento incentivaram a pós-graduação na área e tive a oportunidade de participar da primeira turma de mestrado na EEF-USP, e inegavelmente foi um marco na minha vida (1977-1980). Agradeço profundamente a todos os professores e colegas e citarei apenas aqueles que tiveram vínculo formal na formação, Professores Doutores Sérgio Miguel Zucas - orientador de mestrado, Robert Malina - orientador do doutorado, Gaston Beuneun e Roland Renson - orientadores no pós doutorado. Agradeço os órgãos de fomentos CNPq, FAPESP, FAEPEX e mais recentemente AECI-Espanha pelos apoios no desenvolvimento na vida profissional.

## Do mestrado ao doutorado

No mestrado senti que houve um avanço na pesquisa. Dos primeiros estudos sobre o sistema cardiovascular em esforço, passei a compreender melhor os fatores que influenciam as fases da vida, e mais especificamente estudei a relação da nutrição e crescimento e desenvolvimento de crianças de nível sócio econômico baixo. Problemas metodológicos que me inquietavam foram sendo parcialmente resolvidos no mestrado e, claro que outras questões surgiram.

Logo após o mestrado, tive oportunidade de realizar o doutorado nos Estados Unidos em Antropologia no Departamento de Antropologia da Universidade do Texas - Austin. Foi uma travessia interessante representada

por um período de desafios em vários sentidos: de realizar o doutorado no exterior, numa área do conhecimento nova, de cursar as disciplinas obrigatórias em antropologia social, antropologia lingüística, antropologia física, arqueologia, sociologia e saúde etc, de passar nos dois exames de qualificação e defender a tese. Era um mundo muito diferente do que tinha vivido e pensava não ser possível integrar as duas áreas mais tarde. Além do conteúdo e contexto, o método de pesquisa era muito diferente. Identifiquei-me com os estudos sobre adaptação humana, sociedade e cultura.

Na época comecei a me interessar por estudos em populações indígenas. Participei de vários encontros indígenas americanos e trabalhos de pós-graduandos

nesta temática. Era um mundo totalmente desconhecido para mim, mesmo no Brasil não tinha tido oportunidade de conviver com indígenas. E desde lá, pensei na possibilidade de desenvolver projetos com povos indígenas.

Já de volta ao Brasil, fui contratada pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Foi um momento interessante da Instituição por estar sendo organizada

a pós-graduação “stricto sensu”. Em 2002 me especializei em Psicodrama no Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Campinas, cuja ferramenta tem me sido útil para desenvolver os projetos atuais.

As relações e colaborações entre grupos e instituições nacionais e internacionais foram fundamentais para o desenvolvimento de cooperações e pesquisas.

## Questões que me mobilizaram na academia

Estudando o estado nutricional e aptidão física em pré-escolares, em três creches de nível sócio-econômico baixo na cidade de São Paulo, para a dissertação de mestrado, percebi a importância de se compreender melhor a diversidade bio-cultural. O método utilizado foi o semi-experimental, em que estudamos a suplementação alimentar após três meses, o crescimento e a performance motora em pré-escolares internos (grupo experimental) e comparamos com outras duas creches pré-escolar de período integral (grupo controle). O comportamento psico-físico-motor da crianças internas (grupo experimental) refletiu um ambiente familiar carente em diferentes aspectos - econômico, emocional, familiar que pouco pode contribuir para o desenvolvimento adequado psíquico-sócio-econômico das crianças nos primeiros anos de vida.

O crescimento e desenvolvimento motor das crianças pertencentes ao grupo experimental apresentaram valores mais baixos comparados com aquelas dos grupos controles, antes e após a suplementação alimentar. No entanto, o grupo submetido a suplementação apresentou uma maior diferença na velocidade de crescimento do peso e da circunferência de braços. Na época, este trabalho foi pioneiro e trouxe algumas contribuições na área, tendo inclusive recebido o 3o. lugar do prêmio Lisellot Diem em 1991 (ROCHA FERREIRA & ZUCAS, 1981).

Percebi que o modelo de pesquisa nem sempre permite apreender o objeto na sua plenitude, por questões impostas pelo pesquisador e pela área de estudos especialmente no que se refere à delimitação do objeto e limitações dos métodos de pesquisa de cada área. Estudos interdisciplinares têm o perigo de serem mal compreendidos pelos especialistas, e também ficarem nas superficialidades das áreas. A lógica científica subjacente das áreas de conhecimento, quer biológica, psicológica e/ou social possui

especificidades. No entanto, estas últimas não devem ser barreiras para uma aproximação das áreas. Muitas vezes pesquisadores acabam criando barreiras, em “defesa” de metodologias específicas de áreas, dificultando a interdisciplinaridade.

E não deixar no desenvolvimento da pesquisa, visando uma integração das áreas não são as diferenças metodológicas, dos entraves políticos postos pelos atores/pesquisadores especialistas que se organizam e estabelecem limites dificultando o diálogo interdisciplinar.

As primeiras pesquisas desenvolvidas eram fundamentadas na área biológica e desde cedo aprendi que observações e registros paralelos durante a pesquisa podem dar subsídios ao pesquisador para futuros estudos. Estes registros podem abrir novos caminhos, indagações e contribuir na rede de conhecimento que se vai construindo ao longo da vida.

As crianças, de quatro a seis anos, internas num orfanato em São Paulo, oriundas na maioria da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor - FEBEM, tinham um passado de privações nutricionais e emocionais. Elas falavam um português ininteligível, com um nível de comunicação verbal e corporal limitado e mantinham distâncias de pessoas estranhas ao internato. Eram perfeitas bonequinhas de corda. Todas tinham o mesmo ritmo, fazia tudo na hora certa, uniformizadas e tinham cortes de cabelos iguais e se desesperavam quando algo saía do previsto.

Nos primeiros anos de vida apresentaram um atraso no sentar, andar e falar, detectado nas informações das mães. No dia de visitas ficavam num grande salão brincando e esperando serem chamadas por algum familiar. E a esperança morria a cada porta que se abria e não eram chamadas.

Nas entrevistas com as mães, ficou evidente que repetiam o ciclo da miséria e da pobreza que elas mesmas tinham passado. Era o caminho que conheciam. Foi pena não ter gravado a fala das crianças,

para que mais tarde pudesse desenvolver um trabalho na disciplina de lingüística no doutorado, com um especialista da área que se interessou pelo assunto. Mas por razões diversas a característica da população na creche tinha mudado e, não apresentavam mais aquela linguagem.

A dissertação de mestrado abriu novos leques, apontou a importância de se conhecer melhor os fatores que influenciam o crescimento e desenvolvimento, as diferenças entre os sexos, a variação nutricional da população e as respostas à suplementação alimentar. Percebi o quanto o meio sócio cultural estava influenciando o desenvolvimento daquelas crianças. Só com as medidas antropométricas e de desempenho que realizamos já pudemos apontar algumas diferenças. Desde aquele tempo fiquei motivada em me aprofundar em questões relacionadas a variabilidade da espécie humana, cultura e sociedade, conhecimento este que a antropologia pode me fornecer mais tarde, no programa de doutorado em antropologia.

Desta experiência deixo aqui algumas questões para se pensar. A grandiosidade e complexidade dos seres humanos, das sociedades e das culturas devem ser reconhecidas nos estudos. Os cortes metodológicos e o delineamento da pesquisa de forma exequível são necessários, mas não se pode perder de vista a complexidade do fenômeno em si. Elaboraões de questões a serem respondidas nas pesquisas, as hipóteses e os métodos levam tempo, amadurecimento e um trabalho de equipe.

A antropologia, enquanto área de conhecimento foi fundamental para refletir sobre estes assuntos e compreender melhor a riqueza da espécie humana, os processos adaptativos, as culturas, as sociedades, a história etc. Na tese de doutorado tive condições de avançar nos estudos sobre o crescimento e performance motora de crianças de oito anos, num

enfoque bio-cultural. As figurações sociais dos grupos estudados, retratando diferentes níveis sócio-econômicos e estilos de vida nos remetem a importância de se visualizar a criança numa dimensão mais complexa (ROCHA FERREIRA, 1987; ROCHA FERREIRA, MALINA & ROCHA, 1991).

Na Faculdade de Educação Física da Unicamp os professores se organizaram em laboratórios por área de conhecimento e fiquei responsável pelo Laboratório de Antropologia Bio-cultural desde 1988, mais tarde vinculado ao Departamento de Estudo da Atividade Física Adaptada. Neste local desenvolvemos pesquisas em conjunto com profissionais das áreas de conhecimento afins e alunos da pós-graduação do mestrado e do doutorado, sob minha orientação.

As teorias da Antropologia Cultural e Biológica associadas com seus métodos da etnografia, da cineantropometria e do “survey” foram fundamentais para o desenvolvimento das pesquisas. Os estudos enfocaram questões de adaptação humana, crescimento e desenvolvimento e representações sociais sobre o “homo motor” em diferentes populações - escolares urbanos, adultos ribeirinhas da Amazônia, deficientes e indígenas. O “homo motor” foi compreendido inserido num processo de mudanças bio-psíquico-sócio-cultural de longa duração.

As duas publicações sobre “O ser *ánthropos* e a atividade física” (ROCHA FERREIRA, 2000) e “O ser *ánthropos*: adaptabilidade, alteridade, diferenças e diálogo” (ROCHA FERREIRA, 2001) fazem uma síntese das pesquisas realizadas até aquela data. Retomarei alguns dos temas tratados e avançarei em direção aos mais recentes.

Na perspectiva dos processos de mudanças de longa duração, farei a seguir um recorte dos principais eventos evolucionários ocorridos na espécie humana, para situarmos o estado atual das fases do crescimento e desenvolvimento humano.

## Adaptação humana filogenética e ontogenética

As fases do crescimento, maturação e desenvolvimento humano são conseqüências dos processos evolutivos da espécie. Elas representam profundas e significativas transformações ocorridas. Dois conceitos são importantes para se compreender a evolução biológica: a filogenética e a ontogenética.

Adaptação filogenética são modificações estruturais e funcionais dos organismos que ocorreram ao longo dos milhares de anos na terra. Os mecanismos que

contribuíram para o processo evolutivo das espécies foram: a) seleção natural - onde alguns genes são selecionados e transmitidos para outra geração; b) mutações - mudanças na estrutura dos genes, as quais interagem com a seleção natural; c) deriva natural - diminuição de genes na população causado por uma catástrofe (independente da seleção natural); e d) fluxo de genes advindo de migrações e cruzamentos entre raças, cuja permanência na população a longo prazo

recebe a influência da seleção natural, a qual prioriza determinadas funções em detrimento de outras para satisfazer a necessidade de sobrevivência da espécie (WEISS & MANN, 1981, p.24-5).

Na definição de LASKER (1969), a adaptação ocorre ao nível filogenético, o qual representa modificações genotípicas que vem ocorrendo há milhares de anos. O nível ontogenético representa modificações fenotípicas que ocorrem durante a vida, especificamente são modificações fisiológicas e comportamentais que ocorrem em dois níveis: a) denominada de plasticidade, isto é a adaptação que ocorre durante a fase do crescimento e desenvolvimento; e b) adaptação fisiológica ou aclimação e comportamental que ocorrem em curta duração. Os níveis de adaptação filogenética, ontogenética plasticidade e fisiológica, e o comportamento se interagem para a sobrevivência da espécie.

A proposição de ROY (1982) estudando a integração entre organização social e ecologia em sistemas de subsistência de pequenas escalas, menciona quatro tipos de adaptação: a) filogenética no qual o genótipo adapta trans-geracionalmente através da seleção natural; b) modificação fisiológica do fenótipo durante a vida, mas dentro de uma gama possível do genótipo; c) aprendizagem: comportamento adaptativo adquirido durante a vida; e d) modificação cultural: através da combinação do aprendido e o uso da informação transmitido culturalmente.

Este autor trata com maior ênfase a adaptação cultural em sistemas de subsistência de pequenas escalas, mas pode ser limitante no que tange a sociedades complexas e numa visão materialista do ser humano. Prefiro utilizar a definição de Lasker

sobre a questão da adaptação biológica que trata com maior profundidade e abordar o desenvolvimento comportamental (assunto importante para o autor, mas menos elaborado em sua teoria) numa ótica em que reconheça não somente o ser humano racional, mas também o emocional e supra-racional ou metafísico.

Para a área de Educação Física a compreensão de processos adaptativos genéticos e ontogenéticos - plasticidade e fisiológicos e comportamentais podem contribuir para se compreender melhor questões sobre: a) variabilidade populacional advindas de fatores genéticos e sócio-culturais; b) raças; c) alimentação; d) grupos etários e susceptibilidades à aprendizagem, ao treinamento, à doenças, à má alimentação, etc; e) clima; f) altitude; g) maturação, etc. E quem sabe facilitar o reconhecimento da alteridade e das diferenças dos indivíduos intra e entre grupos.

Na perspectiva de adaptação humana e práticas corporais, a pesquisa de MATOS (1996) e MATOS e ROCHA FERREIRA (2007) trouxeram algumas contribuições para se compreender melhor o homem amazônico. As atividades corporais estudadas foram cultivo do solo e o extrativismo da pesca, caça e produtos das florestas - em Comunidades Rurais de Boa Vista dos Ramos, a cerca de 17 horas de Manaus por via fluvial ou em barco de linha. Estas práticas seguem o tempo sazonal, em ambientes terrestres e aquáticos e são de intensidades baixas para moderadas, ora intermitentes ora contínuas, o que permite a execução de longa duração e grandes distâncias, sem levar o corpo a exaustão. A pesquisa indica a adaptação ao clima quente e úmido e a relação do homem com o ambiente.

## Recortes evolucionários e crescimento e desenvolvimento

Nós, chamados de “homo sapiens” levamos milhões de anos para atingir este estágio. Em termos filogenéticos, importantes eventos ocorreram após a separação dos nossos ancestrais “apes” (termo em inglês que significa os macacos da família pongidae, cujos nomes comuns são Orangotango, Chimpanzé e Gorila) há cinco milhões de anos, que deram origem ao homem moderno, tais como o bipedalismo, o crescimento cerebral e o retardo na frequência metabólica (MORGAN, 1995; WEISS & MANN, 1981).

Neste período o tempo de amadurecimento foi se prolongando e gerando seres cada vez mais dependentes dos adultos. Análises de ossos e dentes

dos primeiros hominídeos que morreram em fases anteriores a adulta sugerem que a evolução dos estágios da vida da infância e adolescência não é de origem remota. O padrão humano atual evoluiu após o aparecimento do “Homo erectus”. Os autores BOGIN e SMITH (1996) em *Evolução do Ciclo da Vida Humana* dão uma visão evolucionária dos cinco estágios: primeira infância, segunda infância, juvenil, adolescência e adulta.

A evolução das fases é retratada na FIGURA 1. O aparecimento da segunda infância deu-se possivelmente no “Homo habilis” e desenvolveu-se no “Homo erectus1” e o aparecimento da

adolescência ocorreu no “Homo erectus2”. À medida que foi ocorrendo à especialização das fases, houve uma prolongação do processo de

amadurecimento, e a criança foi se tornando cada vez mais dependente do adulto. Estes fatos mostram a direção interativa do ser humano.

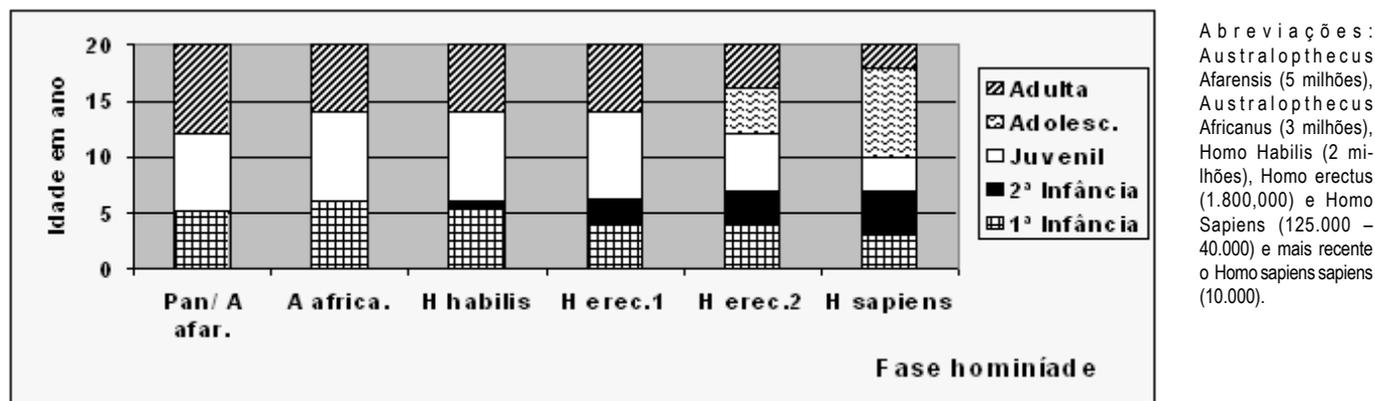


FIGURA 1 -A evolução da história da vida dos homínidos durante os primeiros 20 anos de vida (Adaptado de BOGIN & SMITH, 1996).

Em outras palavras, as modificações estruturais e funcionais propiciaram mudanças significativas que as diferenciaram das outras espécies. A direção da espécie humana foi a de transformar a estrutura genética para que o comportamento pudesse se desenvolver de outra maneira. E, por conseguinte foi fundamental o desenvolvimento da inteligência, da interação, da cooperação e da aprendizagem. (MORGAN, 1995; WEISS & MANN, 1981).

Os autores MARTURANA e VARELA (1995, p.198) enfatizam a importância de se compreender a interação bio-social e, dizem “toda vez que se desenvolvem, nos organismos de uma mesma espécie, certas estruturas independentes das peculiaridades de suas histórias de interações, diz-se que tais estruturas são determinadas geneticamente, e que as condutas que tornam possíveis (se for o caso) são instintivas. Ao contrário, se as estruturas que tornam possível certa conduta entre os membros de uma espécie se desenvolvem somente se há uma história particular de interações, diz-se que as estruturas são ontogênicas e que as condutas são aprendidas”. De acordo com os autores, as condutas inatas e adquiridas são como condutas, indistinguíveis em sua natureza e realização. No entanto, o autor diz que a distinção está na história das estruturas que as tornam possíveis.

Avançando mais na compreensão da relação inato - aprendido, a teoria figuracional de Norbert Elias sugere interpretações interessantes. O autor entende

que ao longo dos anos as formas de comportamentos não aprendidas (instintos) tornaram-se, de certa forma, subordinadas às formas aprendidas. E o ser humano passou a depender de um corpo de conhecimento preexistente para o seu desenvolvimento (ELIAS, 1996, p.110). Neste sentido ele atingiu uma nova dimensão que o diferenciou das outras espécies. O denominador comum entre as mudanças é, portanto, a diferenciação, mais especificamente, a diferenciação entre humanos e outros animais nos 100,000 anos e entre humanos nas sociedades (GOUDSBLOM, 2000). Estes criam, ensinam e aprendem. São capazes de construir sinais e significados numa diversidade cultural, desenvolver diferentes linguagens - oral, não verbal e escrita, aprender movimentos simples, complexos e especializados etc. (ROCHA FERREIRA, 1996, 1999, 2000, 2001).

Na teoria elisiana, o desenvolvimento humano se dá de forma relacional e processual, isto é numa rede dinâmica de relações de interdependência entre as pessoas, havendo sempre uma balança de poder tensa entre elas. O processo de mudanças sociais é visualizado numa longa duração. A formação do indivíduo ocorre integrada com a organização da sociedade, um interferindo no outro, o que ele denomina de sociedade dos indivíduos. Os eixos teóricos de sua teoria são: conhecimento, configurações, poder e “habitus” (ELIAS, 1994). A idéia de configuração enfatiza as ligações entre mudanças na organização estrutural da sociedade e mudanças na estrutura de comportamento e na constituição psíquica.

Em meados de 90, entrei em contato com a teoria figuracional de Norbert Elias e após alguns anos a teoria de Jacob Moreno na socionomia - psicodrama e sociodrama e a teoria ecológica do

desenvolvimento humano de Bronfenbrenner. Estas foram fundamentais para a compreensão das representações sociais inseridas num processo de mudanças histórico-sócio-cultural.

## As pesquisas

As pesquisas desenvolvidas em crianças pré-escolares a partir de quatro anos de idade, em diferentes regiões, apontaram alguns indicadores. Primeiramente é uma faixa etária fundamentalmente dependente das estruturas sociais e culturais, além de ser ainda mais susceptível às doenças infecciosas, desnutrição entre outras.

Pesquisas realizadas com crianças de quatro a nove anos, de baixa renda, na cidade de São Paulo (ROCHA FERREIRA & ZUCAS, 1981), Barueri (cidade e Alphaville) (ROCHA FERREIRA, 1987; ROCHA FERREIRA, MALINA & ROCHA, 1991), São José dos Campos (ROCHA FERREIRA & ROCHA, 1993) e Ilhabela (1889-1995) e sob orientação de dissertações e teses em Limeira (KUBE, 1995), Holambra (EILERT, 1997) e Itapira (ARRUDA, 1997) apontaram semelhanças no padrão do crescimento, comportamento motor, dependência das famílias e das estruturas sociais locais. Os métodos nas pesquisas utilizados foram similares, a saber: antropometria, testes motores e entrevistas ou questionários aplicados aos pais sobre os aspectos socioeconômicos da família, atividade física e alimentação da criança.

As similaridades e as variações encontradas no crescimento e desenvolvimento nos grupos estudados seguem semelhantes a outras pesquisas na literatura. Na década de 70 e 80, um dos problemas de saúde pública pesquisados em diferentes áreas subdesenvolvidas foi a desnutrição e o crescimento e o desenvolvimento.

Os efeitos da desnutrição protéico-energética variam entre severa a leve dependendo da intensidade, duração e tempo em que ocorre (MALINA, 1984, 1986, 1990; MALINA & BUSCHANG, 1985). A causa primária é nutricional - deficiência de energia e proteína, mas outros fatores também contribuem, tais como: social, cultural, econômico e político (BENGOA, 1971; CASSIDY, 1982). Doenças infecciosas e parasitárias são fatores relacionados. Nas pesquisas realizadas nas cidades mencionadas acima, a maioria das crianças era eutrófica e a minoria classificada por desnutrição de 1o. grau.

Embora as cidades fossem diferentes em termos demográficos e geográficos, as condições de alimentação e saúde eram semelhantes. A maior parte das crianças era escolar, pertencente a classe socioeconômica baixa, exceto dois grupos que tinham características diferenciadas, o das crianças internas advinda da FEBEM estudadas no mestrado (ROCHA FERREIRA & ZUCAS, 1981) e de indígenas Kaingang no Paraná (TAGLIARI, 2006; TAGLIARI & ROCHA FERREIRA, 2004).

Com relação a alimentação, foi surpreendente observar que as crianças vivendo no litoral se alimentavam muito pouco de pescados e frutos do mar. Mas apresentavam os enlatados, os alimentos ricos em carboidratos e carne/frango semelhantes à população interiorana. O estilo de vida também era semelhante, realizam pouca atividade física e quase não freqüentavam a praia. Algumas famílias tinham um vínculo maior com a cachoeira.

A idéia da utilização da praia e mar como atividade de lazer parece se enquadrar para os turistas. E mesmo atividades de pescas não eram comuns, visto que uma grande parte da população que habita a Ilhabela migrou de outros locais do país, especialmente do interior de Minas Gerais. Os motivos da pouca freqüência de estar na praia alegados pelos pais foram: não ter o hábito de freqüentarem, pouco domínio do mar para a pesca como os caiçaras, falta de tempo, proibições religiosas, utilização do tempo livre em outros locais. E as crianças, por dependerem da família para freqüentar locais distantes da casa e do risco, não freqüentavam à praia.

As diferenças demográficas e geografias entre as cidades de Ilhabela e São José dos Campos não mostraram ser significativas nas faixas etárias estudadas, possivelmente por ser uma fase de muita dependência da estrutura da família. Além do mais tinham características comuns, tais como: pertencerem a mesma classe socioeconômica e terem estilos de vidas, atendimento básico de saúde e alimentação semelhantes. Possivelmente nas faixas etárias maiores o quadro situacional poderá ser

diferente (ROCHA FERREIRA, 1997, 1998; ROCHA FERREIRA & ROCHA, 1998).

Dentre os fatores influenciando o crescimento e a performance motora, a escolaridade parece ter um papel significativo na má alimentação das crianças e na prática das atividades físicas. (PRADO, 2000; ROCHA FERREIRA, 1997).

A idade é um fator a ser levado em consideração, não somente como indicador do amadurecimento biológico, mas também como independência da estrutura familiar. As crianças mais velhas, oito e nove anos de idade já tem maior liberdade de ação, dependendo da classe social. O estudo realizado em Barueri (ROCHA FERREIRA, 1987; ROCHA FERREIRA, MALINA & ROCHA, 1991) mostra que as crianças de classe socioeconômica baixa, apresentavam menores valores do peso, altura e performance do que as crianças de Alphaville de classe socioeconômica alta, exceto na corrida de nove minutos para os meninos e meninas. Interessante que as crianças de classe baixa tinham mais liberdade de andar, correr, brincar na rua e andar a pé para escola do que as crianças de Alphaville, embora morassem em condomínio fechado. Estas dependiam dos pais para levar à escola e às aulas de esporte.

As crianças de baixa renda não tinham oportunidades de participar de aulas de educação física ou esporte na escola ou fora dela e, portanto não desenvolveram habilidades motoras esportivas. E estes fatores podem ter influenciado no desempenho motor nos testes de velocidade, agilidade e salto.

Nos estudos realizados em crianças de quatro a nove anos, o peso corporal tendeu a ter correlação negativa com o teste de salto e corrida após a idade e estatura serem controladas. Estatura apresenta uma correlação positiva com a performance motora após a idade e o peso serem controlados, indicando que crianças com amadurecimento biológico mais cedo tem melhor performance para a mesma idade cronológica.

As correlações são baixas entre o consumo alimentar protéico-energético e a estatura, peso corporal e performance motora, possivelmente pela limitação do método recordatório alimentar de 24 h e o peso e a altura representar episódios de anos vividos. Este método é interessante, no entanto, para se ter um retrato da quantidade e qualidade alimentar da população, o qual tem se mostrado consistente entre as cidades estudadas.

A dependência da criança da estrutura familiar demonstra que sua atividade motora está associada aos hábitos dos pais ou adultos que a cercam. A

falta de atividade física na escola e fora dela, mesmo na região litorânea e a tendência ao sedentarismo, uma vez que passam horas assistindo televisão, por falta de oportunidades e/ou segurança das crianças deixa de propiciar o desenvolvimento pleno das habilidades motoras, isto é coordenação, agilidade, velocidade, força muscular, atenção, esquema corporal, etc. O ser humano é essencialmente motriz e necessita de condições adequadas de saúde e educação para otimizar o crescimento e desenvolvimento humano (ROCHA FERREIRA, 1997, 1998, 1999).

Estudos comparativos podem nos dar informações singulares de populações. Nesta perspectiva foi realizado uma pesquisa sobre o crescimento, atividade física, performance e ingestão alimentar em 277 escolares, de oito e nove anos de idade, residentes em Terra Indígena, zona urbana e rural no município de Nova Laranjeiras, Paraná (TAGLIARI, 2006). Os resultados indicam que as crianças residentes na zona urbana e na rural apresentaram maior peso, estatura, diâmetros, circunferências e dobras cutâneas do que as residentes na Terra Indígena.

Os alimentos ingeridos pelas crianças da zona urbana e rural são mais diversificados e apresentam maior teor energético-protéico, embora nenhuma delas atingisse as necessidades energéticas recomendadas. As atividades, jogos e brincadeiras são variadas nas três regiões e as laborais realizadas em maior número na Terra Indígena, já iniciando o aprendizado daquelas atividades que farão na idade adulta.

Nos testes de performance, quando controlados pela idade, peso e estatura as diferenças ocorrem apenas naqueles de flexibilidade, com melhores resultados para as crianças indígenas e no teste de sentar e deitar para os meninos das zonas urbana e rural. Existe uma tendência de maior quantidade de atividade física diária, medida pelo acelerômetro para as crianças indígenas. As possíveis influências dos fatores genéticos, associados ao estilo de vida podem ser fatores explicativos nas diferenças de crescimento encontradas nesta pesquisa. O contexto, com características rurais, em que as crianças vivem, parece estar influenciando os resultados dos testes de performance. Em se tratando de forma específica das crianças indígenas, verifica-se que aquelas com possível déficit de crescimento tendem a apresentar menores resultados nas características sócio-econômicas, de atividade física, de performance e ingestão nutricional, sendo apenas a ingestão energética estatisticamente significativa. As características do contexto sócio-cultural estudadas

parecem ser menos favoráveis para as crianças com possível déficit de crescimento, contribuindo para um desenvolvimento menos favorável, quando comparadas com as demais crianças.

Há uma tendência no Brasil e em várias partes do mundo para uma mudança de hábitos alimentares, da desnutrição à obesidade, mesmo na população de baixa renda, propiciando o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis na população adulta. As crianças vêm apresentando menores índices de atividade física e piora da qualidade de sua alimentação, predispondo-se aos riscos do sedentarismo e aumento da obesidade, principalmente nos centros urbanos. BRACCO, ROCHA FERREIRA, MORCILLO, COLUGNATI e JENOVESI (2002) estudaram a atividade física, o gasto energético decorrente da atividade física e a ingestão calórica entre 174 crianças de ambos os sexos, com idades entre 8,9 e 14,6 anos, de diferentes estados nutricionais, em uma população escolar de baixa renda na zona sul da cidade de São Paulo. O método utilizado foi antropométrico - peso, estatura, índice de massa corporal, níveis de atividade física espontânea e a estimativa do gasto energético, através de sensores de movimento uni-axiais (CSA) em dias de semana e em finais de semana com variação de quatro a sete dias de utilização, aplicação do Questionário Internacional de Atividade Física (QIAF), sob a forma de entrevista aos pais. Os resultados mostraram que mesmo em uma população de baixo nível socioeconômico não foram detectados casos de desnutrição, mas sim o aparecimento da obesidade, evidenciando-se, dessa forma, um processo de transição nutricional. As crianças obesas apresentam maior gasto energético decorrente da atividade física, porém menor tempo, em minutos, de atividade física em relação às crianças não obesas, além de apresentarem maior ingestão calórica e de carboidratos.

A atividade física e inatividade física são questões intrigantes na literatura, tanto do ponto de vista das transformações corporais e representações sociais contemporâneas (MATA, 1996), como destas estudadas num período de longa duração, do homo motor ao ciborgues (Ugarte, 2005) ou mesmo sob o ponto de vista do professor na avaliação da educação física (Silva, 1993). Estas pesquisas deram subsídios para se compreender melhor o conhecimento e a prática.

Na linha da compreensão dos fatores que influenciam à prática da atividade física, foi realizado um pesquisa sobre percepções e comportamentos em 198 escolares de ambos os sexos, de 14 a 18 anos, em duas regiões com

diferentes características geo-econômicas do Estado de São Paulo, Santo André e em São Bento do Sapucaí (FIGUEIRA JUNIOR, 2000; FIGUEIRA JUNIOR & ROCHA FERREIRA, 2000). Foram utilizados questionários, auto-responderidos sob supervisão, que incluíram perguntas referentes à prática de atividades físicas nos dias da semana e finais de semana, barreiras pessoais e ambientais que impediam o envolvimento em atividades físicas, pessoas que mais estimularam o envolvimento em atividades físicas, percepção do nível de atividades físicas dos pais, forma de transporte para ida a escola, participação dos irmãos e amigos no nível de atividade física dos adolescentes. Os jovens apresentaram pesos normais, embora alguns deles tendessem para a obesidade. As principais barreiras para a não prática da atividade física foram entusiasmo e falta de tempo, além das barreiras do meio ambiente como locais, equipamentos apropriados e prazer nas atividades. O poder de decisão para a prática da atividade física estava centrado nos adolescentes, embora a família tenha também mostrado influência, especialmente os pais e em menor grau as mães. Necessitaria mais investigação sobre o comportamento dos pais e as diferenças de gêneros.

Em contraste a vida urbana, as atividades físicas desenvolvidas pelos índios no Xingu têm características peculiares. A pesquisa de TAVARES (1984) é um importante documento sobre a questão da reclusão pubertária entre os índios Kamayurá. A construção da atividade física do campeão para este grupo indígena difere em tudo e por tudo da mesma concepção na população urbana industrial. As necessidades de sobrevivência permeiam os significados, valores e escolha das atividades. A escassez alimentar, pela qual os índios passam, embora seja uma restrição cultural, pode influenciar a diminuição da intensidade das atividades durante a reclusão. A transformação do campeão é feita pelo aprendizado material e imaterial da cultura. As passagens da reclusão podem ser resumidas pela ingestão de eméticos, escarificações (arranham o corpo com pente), dieta alimentar, aprendizado prático e psicológico. Em termos motores, os meninos praticam a luta Uka Uka. O tipo ideal para homem é tornar-se campeão e para mulher é a procriação, construir família.

No que se refere ao crescimento e a performance motora, os reclusos foram comparados com uma população de jovens escolares de São Caetano do Sul (MATSUDO, 1992). Os dados mostraram uma tendência dos nativos apresentarem baixa altura e

maior índice corporal no peso, principalmente as mulheres. Possivelmente a vida sedentária durante a reclusão proporciona um maior acúmulo de gordura subcutânea.

As idades da menarca variaram entre 13 e 14 anos, o que representa um amadurecimento sexual tardio comparado com outras populações. Esta característica tardia assim como a maior porcentagem de gordura são consideradas vantajosas no processo de adaptação à procriação, em regiões de grande estresse ambiental (WEISS & MANN, 1981). O fato das meninas entrarem na reclusão logo após a menarca, ficarem presas um ano e saírem para se casar, prolonga o início da fecundação. O sistema reprodutivo mais amadurecido poderá ser uma vantagem de melhoria para as condições de procriação.

Os dados mostraram uma variação dos estágios maturacionais dos meninos, podendo classificar em maturadores cedo, médio e tardio. Na visão dos Kamayurá os indicadores para entrarem na reclusão eram: escurecimento da pele, mudanças comportamentais, sinais de virilidade, crescimento dos genitais. A saída da reclusão era determinada pela posição social que se ocupa na aldeia e, o ritual se passa na festa do Kwarup, momento da esperada luta corporal Uka Uka. A pesquisa foi realizada em 1993 e possivelmente alguns indicadores sócio-culturais podem ter mudado (TAVARES, 1984).

O desempenho motor nos testes de força manual, de velocidade, de agilidade e de força abdominal apresentaram resultados mais baixos comparados com escolares de São Caetano do Sul, exceto na força manual para os meninos indígenas. Estes resultados podem refletir o estilo de vida sedentário que os reclusos passam durante o período. A luta Uka Uka exige pouca velocidade de corrida e agilidade (“shuttle run”), mas força e agilidade localizada.

Foi a pesquisa com os Kamayurá que abriu novas indagações e caminhos para se conhecer melhor a prática da atividade física em populações indígenas, mais especificamente os jogos, esportes e atividades diárias. Realizamos pesquisas “in locu” sobre estas questões nas etnias Kadiwéu e Kaingang. Além destas etnias, temos estudados os Jogos Indígenas realizados em locais pré determinados, com a participação de diferentes etnias que serão abordados no texto.

Antes de me ater sobre as questões de pesquisa sobre jogos indígenas, quero realçar a importância dos estudos realizadas sobre população portadora de deficiência, mas especificamente sobre a Dança em Cadeira de Rodas (FERREIRA, 1998, 2003) e esporte paraolímpico (SOUZA, 2004). Estes estudos foram fundamentais para se compreender melhor o sentido do outro, as redes e inter-relações sociais da população deficiente quer na dança, quer no esporte paraolímpico. Discorrerei sobre as experiências nesta área numa outra oportunidade, por oportuno menciono algumas publicações nesta temática (FERREIRA & ROCHA FERREIRA, 2004; ROCHA FERREIRA, 2002, 2005a; ROCHA FERREIRA & FERREIRA 2005; SOUZA & ROCHA FERREIRA, 2003; WELLER, 1998).

Entendo que a pesquisa não deve ser um fim em si mesmo, ou ser divulgada somente pelos meios formais acadêmicos, mas a sociedade tem sede de uma resposta imediata ou mediata para contribuir na solução de seus problemas. Desta forma, sempre houve a preocupação de se dar um retorno às populações estudadas, tais como: organização de eventos sobre: a) Simpósios sobre o processo civilizador de Norbert Elias; b) eventos etno-científicos - Simpósios sobre Cultura Corporal e Povos Indígenas do Brasil Meridional; e c) Simpósios e Fundação da Confederação da Dança em Cadeira de Rodas.

## Jogos e futebol indígenas: novas construções

O interesse em estudar populações indígenas remonta da época em que realizei o doutorado em antropologia. A entrada nas áreas, o desenvolvimento de pesquisas e as parcerias com os indígenas foram desafios nesta última década.

A compreensão da cultura corporal de uma população exige um esforço do reconhecimento da alteridade, das diversidades e das diferenças bio-culturais. E sempre tenho me perguntado como conhecer e reconhecer algo que há tantos

anos ficou despercebido por todos nós, “cara pálidas”?

As palavras de ORLANDI (1988) na área de Estudos da Linguagem nos mobiliza para o desenvolvimento da cultura corporal nessa mesma direção, quando diz:

a de se considerar que é preciso deixar um espaço, seja para o imigrante seja para o índio, um espaço para que ele possa elaborar sua situação de contato e para que ele possa

participar dinamicamente deste trabalho de compreensão e de elaboração de sua situação lingüística enquanto sujeito que pratica sua cultura em uma diferença politicamente significativa. Atingimos assim o sentido mais importante da política lingüística: podemos praticá-la não como uma vontade exclusiva do poder mas como um trabalho que coloca em relação o político, o sujeito, a língua, as línguas e o saber sobre as línguas.

Nesta idéia podemos inserir as questões da cultura corporal. É preciso deixar um espaço para se construir uma nova área, onde todos nós participamos os índios e os brancos.

A idéia de tribo e que o “índio” tem uma mesma cultura é um preconceito que ainda há na sociedade não-índigena. Novas terminologias têm sido usadas no meio acadêmico-científico e político apontando tendências e espaços que se vêm alcançando, tais como os termos Terras Indígenas, Povos Indígenas, reforçando a idéia de etnias e diversidade sócio-cultural das sociedades indígenas. O termo “índio” dá uma noção singular, como se todos fossem iguais e, por conseguinte foi substituído pelo termo “índigena”. Nota que os nomes das etnias são escritos no singular, por uma convenção dos lingüistas. Neste sentido se diz - os indígenas, as terras dos Kadiweu, dos Xavante, dos Kaingang, etc.

No presente trabalho selecionei algumas direções das pesquisas que temos desenvolvido, mas não haverá tempo de se deter com profundidade em todas. Especificamente tratarei sobre o significado de jogo, construções sociais do futebol entre os Kaingang e sobre os jogos dos povos indígenas.

### Conceituação de jogo

A tentativa de se compreender o jogo foi uma das primeiras preocupações nas pesquisas realizadas, o que não tem sido tarefa fácil. Huizinga já dizia em 1903 que é “no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve, ... o jogo é mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperam que os homens os iniciassem na atividade lúdica” (HUIZINGA, 1993, p.1,3). O interesse do autor foi estudar até que ponto a própria cultura possuía um caráter lúdico.

Os jogos foram sendo criados pelos povos, difundidos através do contato e re-significados com as transformações das civilizações e sociedades. Eles exercem um papel fundamental para os humanos,

em todas as idades, contribuindo para o desenvolvimento da motricidade, da sociabilidade, das emoções, da inteligência, do ser metafísico, entre outros.

Eles se inscrevem no escopo do prazer, da sensibilidade e das emoções e a essência do jogo reside em sua intensidade, fascinação e capacidade de excitar, expressas pela incerteza, pelo acaso e congregam valores culturais importantes, que asseguram a identidade de grupos (CAILLOIS, 1986; FERREIRA, 2002; HUIZINGA, 1993).

A imitação e mais especificamente a mimesis é uma característica fundamental no aprendizado e transmissão dos jogos. Mimesis é entendida como um ato inerente dos seres humanos para imitar, mas não como cópia do real. TAUSSIG (1993) diz - a faculdade mimética pertence à “natureza” que tem as culturas de criar uma “segunda natureza”. Esta faculdade, no entanto, não se dá meramente pela cópia do original. Ao contrário, Taussig aponta para as ressignificações que cada cultura consegue do original e influencia este original.

Através da mimesis torna-se possível a construção de novas relações sociais. Esta capacidade humana de perceber, sentir, transformar em imagens mentais, re-interpretar e re-significar favoreceu o aprendizado e transmissão dos jogos.

A capacidade mimética da espécie, entre outros fatores, pôde garantir a ela aprendizado e mudanças sociais. Essas mudanças não foram lineares e nem planejadas, por não se conseguir ter um planejamento de tão longo prazo. As mudanças e as resistências fazem parte do processo histórico da humanidade. E, portanto as aquisições de novos jogos, a resistência à novidade, as perdas, etc, fazem parte de um processo de transformações nas sociedades. E desafio em pesquisa e mesmo para salvaguardar a memória indígena será conhecer/registrar como estes processos se deram em cada sociedade indígena. Cada um tem sua própria história.

Cuidadosamente e buscando algumas idéias de outras áreas do conhecimento que vem estudando o futebol, os sociólogos ELIAS e DUNNING (1992, p.128) nos trazem uma característica importante da *mimesis* referente ao lazer, relacionam-a com um aumento de tensão, “... aquilo que as pessoas procuram nas suas atividades de lazer não é o atenuar de tensões, mas, pelo contrário, um tipo específico de tensão, uma forma de excitação relacionada, com frequência, como notou Santo Agostinho, com o medo, a tristeza e outras emoções que procuraríamos evitar na vida cotidiana”.

Esta tensão ou excitação também aparecem nos jogos indígenas. Os relatos dos primeiros viajantes

e missionários já apontavam os jogos integrados nos rituais. Estes momentos necessitam ser mais bem pesquisados. Em muitos relatos e entrevistas pode se perceber características relacionadas ao tempo: - descontinuidade do cotidiano para um/a: - tempo mítico, união indivíduo-cosmo, momento transformador, passagem de um estado para outro e emoções: - prazer, alegria, tristeza, dor, medo, raiva, superação. É importante reforçar que o tempo indígena está alicerçado em outro paradigma, cosmológico, sazonal.

No Brasil, apesar do extermínio da maioria da população indígena, os censos apontam para um diversidade e riqueza cultural nas 595 Terras Indígenas, habitadas pelos 217 povos, totalizando aproximadamente 350 mil indivíduos e detentores de 180 línguas diferentes, além de grupos ainda não contatados. É fundamental que muito seja estudado numa tentativa de se conhecer os significados dos jogos em sociedades indígenas.

### O que são os jogos indígenas?

A compreensão de um termo não é necessariamente fácil e precisa ser visto inserido num processo histórico de mudanças sociais. O desafio de se definir jogos tradicionais indígenas para o Atlas de Esportes no Brasil (ROCHA FERREIRA, VINHA, FASSHEBER, TAGLIARI & UGARTE, 2005) exigiu um esforço teórico e empírico. Note-se que as definições não são estáticas, elas precisam e devem ser revistas mediante novos conhecimentos e reflexões.

Jogo foi preocupação de alguns autores em diferentes momentos históricos, citarei alguns clássicos que deram subsídios para se pensar na compreensão dos jogos “tradicionais” indígenas. HUIZINGA (1993), enfatiza o fato de alguns idiomas terem dois termos - brincadeira e jogo, o que dificulta clareza nas definições de ambos. Algumas culturas tinham um termo geral para o jogo, que sintetizavam os diversos aspectos do mesmo, e outras apenas denominavam as atividades em si, sem uma categoria geral. Para o autor, brincadeira é... uma ação livre, que é não-séria e conscientemente existe fora do espírito da vida normal, que pode absorver completamente o jogador, que não tem uma relação direta concernente ao material ou a ganhos, que desenvolve num tempo e espaço definidos e progride ordinariamente de acordo com certas normas, que evoca relações sociais, que prefere estar envolvida por mistérios ou através de ênfases camufladas em si mesmo como sendo diferentes do mundo

convencional. Essa definição é interessante para a questão indígena, pois leva em consideração o mundo material e imaterial.

Por outro lado, a definição de jogo para ROBERTS, ARTH e BUSH (1959), leva em consideração apenas o lado material, por dizer que jogos são...atividades recreacionais caracterizadas por brincadeiras, competições; que têm dois ou mais lados, com critérios para determinar o vencedor e com acordos entre os pares.

Na definição de RENSON e SMULDERS (1981, p.100) são levados em consideração atributos importantes para Educação Física, onde diz que “jogos tradicionais, locais e ativos de uma característica recreacional, requerendo habilidades específicas, estratégias e/ ou sorte” (MELE & RENSON, 1992).

Um dos mais expressivos estudos sobre jogos tradicionais indígenas na América do Norte (1902-1903) foi o de Stuart CURLIN publicado originalmente em 1907 e republicado em 1975. Nos seus estudos, o autor conclui que “por trás das cerimônias e jogos existiram mitos dos quais ambos derivaram seus impulsos. (CURLIN, 1975, p.32). Referências a jogos são comuns na origem dos mitos em várias tribos. Eles usualmente consistem na descrição de uma série de contextos nos quais a entidade representada pela força sobre-humana, homem primordial, o herói cultural, ganha do oponente, um inimigo da raça humana, pelo exercício de uma astúcia superior, habilidade ou mágica (CURLIN, 1975, p.32). O autor diz que em geral os jogos são apresentados cerimonialmente, como que para agradar aos deuses, com objetivo de obter certeza de fertilidade, trazer chuvas ou para gerar vida longa; expelir demônios ou curar doenças. (p.34)”.

A definição de Jogos Tradicionais Indígenas no Atlas de Esportes no Brasil (ROCHA FERREIRA et al., 2005) foi uma tentativa de dar uma noção e delimitar o que se pode entender de jogos indígenas. Observem que não necessariamente todas as sociedades indígenas tiveram os jogos inseridos nos rituais sagrados ou somente alguns deles, e que outras etnias os tiveram.

Jogos “tradicionais” indígenas são atividades corporais, com características lúdicas, por onde permeiam os mitos, os valores culturais e que, portanto, congregam em si o mundo material e imaterial, de cada etnia. Os jogos requerem um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégias e/ou sorte. Geralmente, são jogados cerimonialmente, em rituais, para

agradar a um ser sobrenatural e/ou para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros. Visam, também, a preparação do jovem para a vida adulta, a socialização, a cooperação e/ou a formação de guerreiros. Os jogos ocorrem em períodos e locais determinados, as regras são dinamicamente estabelecidas, não há geralmente limite de idade para os jogadores, não existem necessariamente ganhadores/perdedores e nem requerem premiação, exceto prestígio; a participação em si está carregada de significados e promove experiências que são incorporadas pelo grupo e pelo indivíduo (ROCHA FERREIRA et al., 2005).

O termo “tradicional” foi utilizado no Atlas, mas precisa se levar em consideração o seguinte o pensamento de Dominique Tiklin GALLOIS (2006). A

autora alerta sobre o perigo de se dar uma conotação estática de cultura e enfatiza que as pessoas têm de antemão uma idéia de costumes e saberes, selecionando e julgando elementos culturais a partir de uma visão própria, sem considerar o ponto de vista dos seus criadores e detentores (GALLOIS, 2006, p.18). Nesta idéia congelada de cultura, se concebe as mudanças como um percurso em que se perde “traços” e se dilui a pressuposta autenticidade cultura (GALLOIS, 2006, p.19).

A transformação é um processo inerente à definição de cultura. E o que é “tradicional no saber tradicional não é a sua antiguidade, mas a maneira como ele é adquirido e como é usado” continuamente em prática na produção dos conhecimentos (GALLOIS, 2006, p.20). Neste sentido é importante buscar entender nas sociedades indígenas os jogos como processos dinâmicos e não como estáticos.

## Futebol entre os Kadwieu e Kaingang

Nesta perspectiva vamos tratar os jogos/esporte entre os Kadiweu e Kaingang. Nas sociedades indígenas o mito está presente nos rituais, no cotidiano, na forma de pensar do grupo. Em outras palavras, a memória mitológica vai disseminando sentidos e formando as identidades.

Os indígenas Kadiweu são remanescente no Brasil dos índios de língua Guaicuru - Abipón, Mocovi, Toba, Pilagá, Payaguá e Mbayá, que viviam na região do Grande Chaco, nas fronteiras Argentina, Paraguai, Brasil. Os Mbayá-Guaicuru, ancestrais dos Kadiwéu se fixaram do lado brasileiro, na região do Pantanal Sul Mato-grossense, na segunda metade do século XVII (SANCHEZ LABRADOR, 1910). Atualmente a terras Kadiweu está localizada na Serra da Bodoquena, com população estimada de 1265 pessoas, distribuída em quatro aldeias: Bodoquena, Campina, São João e Tomázia. A aldeia Bodoquena, sede política do grupo e local de realização desse estudo, conta com uma média de 741 pessoas.

O mito de criação é historicizado continuamente, renovando e dinamizando a identidade indígena, situando-os como sujeitos numa dinâmica histórico-social (BORGES, 1995; VINHA & ROCHA FERREIRA, 2003).

Go-noêno-hôdi, personagem central mitológica, após tirar vários grupos indígenas de um buraco, ofereceu a um grupo a agricultura, a caça para

outro, deixando os Kadiwéu sem nada. Caracará - ave de rapina da região, propôs a Go-noêno-hôdi, ao perceber que os Kadiwéu foram esquecidos e que nada sobrara para eles, que ficassem com a função de oprimir, guerrear e explorar os demais (RIBEIRO, 1980). O ato criador fundamenta a índole do grupo, mas não constitui o guerreiro como personagem heróica. E os relatos dos primeiros viajantes, missionários e mais tarde pesquisadores apontam a preocupação dos Kadiweu em formar uma sociedade para a guerra. (PECHINCHA, 1994; SANCHES LABRADOR, 1910; SCHADEN, 1946; VINHA, 1999, 2004).

Na prática do esporte, mais especificamente no futebol Kadiweu, os sentidos de competitividade e rivalidade do guerreiro estão presentes, junto com um desejo de ser campeão (VINHA, 2000). As lutas corporais e jogos de preparação da guerra já não estão presentes no cotidiano Kadiweu, mas alguns nas memórias dos mais velhos. E esporte vem ocupar um novo espaço e tempo entre eles, onde os saberes “tradicionais” são ressignificados frente às exigências do esporte: tais como: a) organizacionais - times, torneios, premiações; b) comportamentais - mecanismos de controle das emoções no ato das ações motoras denominadas “faltas” - o apito, os cartões, os juízes impedindo os avanços sobre o corpo do outro e limitando espaços de jogo e tempo (VINHA & ROCHA FERREIRA, 2003).

Entre os Kaingàng no Paraná, as transformações sociais advindas do aldeamento, perdas das matas, dificuldade ao acesso à matéria prima para o fabrico das tinturas, etc foram diminuindo as práticas dos jogos e brincadeiras. A quase que inexistência dos jogos no mundo contemporâneo é advinda especialmente por um envergonhado silêncio imposto por décadas de refreamento de tais jogos por serem considerados jogos de guerra como o Kanjire e Pinjire, com comportamentos violentos podem servir de campo para a aceitação de outras atividades. O Futebol pode ser visto como metáfora das guerras e dos jogos de guerra Kaingang, mas ressignificado pela faculdade mimética, com novas configurações de identidade (FASSEBER, 2006; FASSEBER & ROCHA FERREIRA, 2002, 2006, 2007).

Os Kaingang apresentam especificidades da cultura como a noção de força - Tare - que combina com a sua noção de pessoa e, o fato deles se considerarem Táre (FASSEBER, 2006; FASSEBER & ROCHA FERREIRA, 2002, 2006, 2007) parece marcar a identidade do grupo e a diferença entre os Fóg (sociedade dos “brancos”). Tare diz respeito ao treinamento corporal e a identidade ante aos Fóg, marcando deles a diferença física e simbólica através do corpo. Tal diferença aparece indicada por eles no sentido de que os Kaingang possuem mais Tare, ou seja, têm mais força e resistência física e simbólica que os Fóg (FASSEBER & ROCHA FERREIRA, 2007).

Observamos vários times de futebol, uniformizados e organizados, mas sem uma administração jurídica. Organizam a própria sociedade a partir desse esporte: mitologia, organização social, centralidade, parentesco, trânsito entre Terras Indígenas, gênero e religião são aspectos notáveis.

As mulheres participam dos jogos internos e externos nas cidades vizinhas, cujo espaço tem sido conquistado por elas nos últimos anos. De acordo com depoimentos de mulheres da aldeia Rio das

Cobras (2004), elas sentem certa desvantagem nos resultados, isto é, que os árbitros roubam para os “Fóg” (termo usado para chamarem os brancos). E já percebem uma necessidade de conhecerem mais o esporte, inclusive, a possibilidade de se tornarem árbitros.

Diante dessas novas figurações, FASSEBER (2006) opta pelo termo etno-desporto, por melhor representar o futebol indígena, enfatizando a capacidade de mimesis que envolve a identidade étnica expressa no corpo do jogador indígena, ressignificando o modelo original do esporte. Em outras palavras, diz -

Etno-Desporto Indígena: é a prática das atividades físicas tanto sob a forma de jogos tradicionais específicos e a mimesis que dinamiza estes jogos, quanto sob a forma de adesão ao processo de “mimesis do esporte global” da sociedade Fóg. Em outros termos, é a capacidade de cada povo indígena de adaptar-se aos esportes modernos, sem, contudo, perder sua identidade étnica.

Etno-Desporto Kaingang: é o processo pelo qual a mimesis do esporte dos Kaingang - pela via da transformação dos Jogos Tradicionais e da incorporação do Futebol - permite-nos pensar a afirmação da identidade étnica de forma ímpar, se considerarmos a construção e o uso específico que o grupo faz de sua corporalidade (FASSEBER, 2006, p.29).

Em síntese o futebol tem se mostrado como fator integrador com os Fóg (mundo dos brancos) e com a afirmação/distinção étnica. Ademais a noção tradicional de força Tare - expressão física e simbólica de seus corpos - é afirmada em seus jogos e torneios. Assim, denominamos de Etno-Desporto o processo de mimesis do esporte global pelos Kaingang que nos permite pensar sua identidade étnica. Desta forma o futebol, denominado como Etno-Desporto sintetiza o processo de mimesis do esporte global pelos Kaingang que nos permite pensar sua identidade étnica.

## Jogos dos povos indígenas

Os Jogos dos Povos Indígenas representam um fenômeno atual e complexo envolvendo diferentes forças da sociedade, a saber, o Ministério dos Esportes, Comitê Intertribal - Memória e Ciência Indígena (ITC), lideranças indígenas, outros Ministérios como da Cultura e Educação, as Secretarias de Esportes

estaduais ou municipais, ONGs, mídia, o público, as universidades, as empresas, etc. (ROCHA FERREIRA, 2005b). Mais recentemente pesquisadores do exterior têm mostrado interesse em desenvolver projetos de cooperação sobre esta temática (VAZQUEZ, GÓMEZ, MARTIN, VICENTE, ROCHA FERREIRA & CAMARGO, 2006).

As questões organizacionais e políticas têm sido um desafio para todos. O evento congrega elementos da cultura milenar e do mundo contemporâneo. Representam novas formas de populações se encontrarem e exercerem a alteridade, de se perceberem diferentes e transporem obstáculos.

O artigo de ROCHA FERREIRA (2005b) sintetiza idéias e ponderações sobre os Jogos dos Povos Indígenas. As críticas e restrições a eles são em realidade mais opiniões fundamentadas em experiências locais do que pesquisas nos próprios jogos. A vinda dos indígenas para a cidade no campo lúdico/esportivo foi uma decisão deles, quer por necessidade, quer para construção de novas identidades, quer por outras razões é um espaço em construção. E pode ser enriquecedor para salvaguardar os patrimônios culturais imateriais e materiais dos povos indígenas. O processo tem sido dinâmico, embora tenso, como toda relação humana, especialmente por se tratar de uma figuração tão complexa como esta.

Na pesquisa realizada nos VIII Jogos dos Povos Indígenas em Fortaleza - Ceará (ROCHA FERREIRA, FIGUEIRA-JUNIOR, ALVAREZ, MIHALIUC & UGARTE, 2006) ficou evidente a importância que os indígenas dão aos jogos, vide respostas abaixo por ordem de grandeza:

- Trocar experiências com outras etnias, conhecer parentes e discutir os problemas; confraternização. ‘Índio não era unido. Aprende a conhecer e respeitar outras etnias. Olhar coisas importantes bonitas nos parentes. “A gente tava muito disperso”.
- Mostrar e manter a cultura, as tradições e valores, afirmar os Direitos.
- Vender artesanato; vendeu pouco devido a pouca divulgação.
- Idioma dificuldades e, aprender.
- Interesse em aprender ‘as coisas dos brancos’ e colaboração.
- Aprender o futebol
- Mostrar para o branco ‘as diferenças’, reconhecimento.
- Importante para não ter dependência do branco. Ser respeitado.

Os jogos representam um espaço político, local aonde são socializados problemas e trocados experiências. Paralelamente aos jogos, há o Fórum Social, organizado por Marcos Terena - presidente do Comitê Intertribal de Ciência e Memória Indígena. Nestes fóruns são tratados diferentes temas e convidados personalidades, nacionais e internacionais, para o desenvolvimento dos problemas indígenas, tais

como ecologia e juventude, comunicações, utilização de energia solar, reflexões sobre os jogos e esportes indígenas, etc.

O trabalho de VIANNA (2000) mostra a complexidade dos jogos dos povos indígenas. Indica pontos interessantes sobre a relação administrativa, política e interpessoal na organização dos mesmos. E até de certa forma, mostra a dificuldade dos próprios indígenas terem controle do processo. As críticas são interessantes, mas carecem de certa forma de um sentido de realidade do sistema de organização de mega eventos; como se as configurações humanas pudessem ser isentas de um caráter político, no que diz respeito às escolhas dos participantes, às negociações com os interesses do Estado, iniciativa privada etc. De acordo com VIANNA (2000), o fato das lideranças da organização dos jogos serem de Órgãos Públicos FUNAI pode comprometer as decisões e abalar a características de movimentos criados pelos povos.

O contato com os indígenas, reconhecidamente e agraciados por eles está na pessoa do Carlos Justino Terena e em algumas etnias aparece como o Comitê Intertribal.

Outro aspecto a ser levantado é a crítica de se esportivizar os jogos “tradicionais”, submetendo-os numa linguagem racionalista e competitiva do esporte. Alguns jogos e/ou atividades têm sido apresentadas, sem o estabelecimento de regras “competitivas”, por exemplo, a corrida de tora. Outras, já existem regras estabelecidas para que mais de uma etnia possa participar como o cabo de força (ou guerra). Não existe o incentivo de ganhador/perdedor com o oferecimento de medalhas. Embora não se possa negar a influência do público na arena torcendo por uma ou outra etnia, dos comentários sem fundamentos da mídia e também lembrar que os índios estão inseridos numa nação e num mundo “capitalista”.

É importante realçar que muito da crítica sobre a prática do esporte pelos indígenas está por um lado fundamentada numa visão preconceituosa, como se eles tivessem perdendo a cultura e também numa visão limitada do conceito de esporte, isto é, com enfoque somente em rendimento ou competição de alto nível. Ora, o esporte tem outras conotações: educação, lazer, socialização e outras formas inter-relacionadas com a cultura, com a época, com o sistema de governo vigente, etc. Além do mais o esporte indígena não é uma cópia do real, mas se constrói por uma mimesis, como foi ilustrada no caso dos Kadiweu e Kaingang. Cada

etnia poderá ter sua própria interpretação do jogar futebol ou qualquer outro esporte.

E o sentido da prática esportiva na aldeia ou mesmo em mega eventos não deverá caminhar necessariamente para um caráter competitivo. Entendo que antes de tudo deve ser dado aos povos indígenas o direito de se organizarem e praticarem os jogos. E finalmente, lembrar que estas

construções, como qualquer outra dos humanos formam redes de interdependências e figurações complexas, e, portanto carregadas de tensões, desequilíbrios na balança de poder, ora pendendo para um lado, ora para o outro, mas em algum momento poderá propiciar uma menor divisão de águas entre as culturas do “branco” e indígenas, buscando a unidade na diversidade.

## Considerações finais

Este trabalho representa algumas das contribuições realizadas na trajetória acadêmica e para tal foi necessário realizar várias travessias. Este reflete uma época de transformações na área de Educação Física. Na década de 70 a pesquisa estava apenas iniciando nas universidades brasileiras e era preciso buscar em outras áreas do conhecimento subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento dos estudos.

Por um lado as iniciativas pessoais e por outro os incentivos governamentais foram fundamentais para descobrir novos caminhos, trilhados não somente por mim, mas também por outros pesquisadores da minha geração, que compartilharam de sonhos similares.

Inegavelmente o despertar, o gosto e o prazer pela pesquisa foram semeados na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, onde foram realizadas as primeiras pesquisas. Estas sementes e a exigências do momento me impulsionaram para que fizesse diferentes travessias. Da Educação Física me direcionei para a Antropologia e depois busquei integrar o conhecimento destas áreas em estudos sobre o desenvolvimento humano e atividade física no contexto da sociedade e cultura. Entendo que a produção científica realizada pode abrir possibilidades e questões para serem pesquisadas, mas muito precisa ainda ser feito, para se compreender o ser humano na sua dimensão motora-sócio-cultural.

Agradeço imensamente a todos os orientadores já mencionados anteriormente no texto, da iniciação científica ao pós doutorado - Maria Augusta Peduti Dal' Molin Kiss, Mario de Carvalho Pini, Sérgio Miguel Zucas, Robert Malina, Gaston Beuneun e Roland Renson.

Neste trabalho não foi possível esclarecer o quanto e como tantas outras pessoas influenciaram a trajetória acadêmica, mas agradeço profundamente e menciono algumas delas, por ordem de conhecimento: Edson de Barros Santos, Victor Keihan Rodrigues Matsudo, Jana Pariskova, Marcel Hebbelinck, Jan Borms, Ruy Jornada Krebs, Valdir Barbanti, Manoel José Gomes Tubino, Lamartine da Costa, Clarice Novaes da Mota, Jane Morris, Ademir Gebara, Francisco José Sobral Leal, Maria da Graça Guedes, Antonio Marques, Olga Vasconcelos, Antonio Prista, Antonia Dalla Pria Bankoff, Sandra Mahecha Matsudo, Eric Dunning, Johan Gousdbloom, Stephen Mennell, Marizabel Kowalski, Manuel Hernandez, Vera Regina Toledo Camargo e tantas outras. E inegavelmente agradeço a todos os alunos de mestrado e doutorado sob minha supervisão, sem os quais seria impossível o desenvolvimento das pesquisas. E com certeza o amor e paciência da minha família.

## Referências

- ARRUDA, M. **Crescimento e desempenho motor**: variação bio-sócio-cultural em pré-escolares de Itapira. 1997. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- BENGOA, J.M. Recent trends in the publica health aspects of protein-calorie malnutrition. *Cajanus*, St. Augustine, v.4, p.141-59, 1971.
- BOGIN, B.; SMITH, B.H. Evolution of the human life cycle. *American Journal of Human Biology*, New York, v.8, p.703-16, 1996.
- BORGES, L.C. A instância do mito. *Perspicillum*, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p.69, 1995.

- BRACCO, M.M.; ROCHA FERREIRA, M.B.; MORCILLO, A.M.; COLUGNATI, F.; JENOVESI, J. Gasto energético entre crianças de escola pública obesa e não obesas. *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*, São Caetano do Sul, v.10, n.3, p.29-35, 2002.
- CAILLOIS, R. *Los juegos y los hombres: la máscara y el vértigo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- CASSIDY, C.M. Protein-energy malnutrition as a culture-bound syndrome. *Culture, Medicine and Psychiatry*, Dordrecht, v.6, p.325-45, 1982.
- CURLIN, S. *Games of the North American Indians*. New York: Dover, 1975.
- EILERT, C.A. *Crescimento físico e performance motora: um estudo em descendentes de Holandeses - Holambra*. 1997. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. On human beings and their emotions: a process-sociological essay. In: FEATHERSTONE, M.; HEPWORTH, M.; TURNER, B.S. (Orgs.). *The body: social process and cultural theory*. London: Sage, 1996. p.103-25.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação: memória e sociedade*. Lisboa: Difel, 1992.
- FASSEBER, J.R.M. *Etno-desporto indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*. 2006. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- FASSEBER, J.R.M.; ROCHA FERREIRA, M.B. Etno desporto Kaingang. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA, 23., 2002, Gramado. *Anais...* Gramado: [s.ed.], 2002. (1 CD-Rom).
- \_\_\_\_\_. Etno futebol indígena. *ComCiência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, v.79, p.5-8, 2006.
- \_\_\_\_\_. A eficácia do futebol entre os Kaingãng. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 7., 2007. *Anais...* [S.n.t.], 2007.
- FERREIRA, E.L. *Dança em cadeira de rodas: os sentidos da dança como linguagem não verbal*. 1998. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Corpo - movimento - deficiência: as formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação*. 2003. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- FERREIRA, E.L.; ROCHA FERREIRA, M.B. A possibilidade do movimento corporal na dança em cadeira de rodas. *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*, São Caetano do Sul, v.12, n.4, p.13-8, 2004.
- FERREIRA, N.T. Imaginário social, identidade, memória e atividades corporais. In: FERREIRA, L.M.A.; ORRICO, E.G.D. (Orgs.). *Linguagem, identidade e memória social*. Rio de Janeiro: DPA, 2002. v.1, p.53-68.
- FIGUEIRA JUNIOR, A. *A família, o adolescente e suas relações com a prática de atividades físicas em região metropolitana e interiorana do Estado de São Paulo*. 2000. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- FIGUEIRA JÚNIOR, A.; ROCHA FERREIRA, M.B. Papel multidimensional da família na participação dos filhos em atividades físicas: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*, São Caetano do Sul, v.8, n.2, p.33-40, 2000.
- GALLOIS, D.T. *Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará*. São Paulo: IEPÉ, 2006.
- GOUDSBLOM, J. Notes towards a theory of civilizing processes in human history. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL "PROCESSO CIVILIZADOR: a obra de Norbert Elias, 5., Curitiba, 2000. *Anais...* Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2000.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. [S.l.]: Perspectiva, 1993.
- KUBE, L.C. *Crescimento e desempenho motor: alimentação e atividade motora em escolares de Limeira*. 1995. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, UNESP, 1995.
- LASKER, G.W. Human biological adaptability. *Science*, v.166, p.1480-6, 1969.
- MARTURANA, H.; VARELLA, F. *A árvore do conhecimento*. Campinas: PSY II, 1995.
- MALINA, R.M. Physical activity and motor development/performance in populations nutritionally at risk. In: POLLITT, E.; AMANTE, P. (Eds.). *Energy intake and activity*. New York: Alan R. Liss, 1984. p.285-302.
- \_\_\_\_\_. Motor development and performance of children and youth in undernourished populations. In: KATCH, F.L. (Ed.). *Sport health and nutrition*. Champaign: Human Kinetics, 1986. p.213-26.
- \_\_\_\_\_. Crescimento de crianças latino-americanas: comparações entre os aspectos socioeconômicos, urbanos e rurais e tendência secular. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, São Caetano do Sul, v.4, n.3, p.46-75, 1990.
- MALINA, R.M.; BUSCHANG, P.H. Growth, strength and motor performance of Zapotec children, Oaxaca, Mexico. *Human Biology*, Baltimore, v.57, p.709-16, 1985.
- MATA, P.F.R. *Transformação corporal e representação social na adolescência*. 1996. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

- MATOS, G.C.G. **Atividades corporais: uma estratégia de adaptação biocultural numa comunidade rural do Amazonas.** 1996. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- MATOS, G.C.G.; ROCHA FERREIRA, M.B. Práticas corporais num ambiente rural Amazônico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n.3, p.55-77, 2007.
- MATSUDO, V.K.R. **Crerios biológicos para diagnóstico, prescrição e prognóstico de aptidão física em escolares de 7 a 18 anos de idade.** 1992. Tese (Livre Docência) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1992.
- MELE, V.; RENSON, R. **Traditional games in south America.** Berlin: ICSSPE/Karl Hofmann, 1992.
- MORGAN, E. **The descent of the child: human evolution from a new perspective.** New York: Oxford University, 1995.
- ORLANDI, E. Ética e políticas das línguas. In: **LÍNGUAS e instrumentos lingüísticos.** Campinas: Pontes, 1988.
- PECHINCHA, M.T.S. **Histórias de admirar: mito, rito e história Kadiwéu.** 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 1994.
- PRADO, J.M.S. **A criança pré-escolar em Ilhabela: crescimento e atividade motora.** 2000. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- RENSON, R.; SMULDERS, H. Research methods and development of the Flemish Folk Games File. **International Review of Sport Sociology**, Warsaw, v.16, n.1, p.97-107, 1981.
- RIBEIRO, D. **Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza (1947).** Petrópolis: Vozes, 1980.
- ROBERTS, J.M.; ARTH, M.J.; BUSH, R.R. Games in culture. **American Anthropologist**, Washington, v.61, p.597-605, 1959.
- ROCHA FERREIRA, M.B. **Growth, physical performance and psychological characteristics of eight year old Brazilian school children from low socioeconomic background.** 1987. Dissertation (Ph.D.) - Department of Anthropology, University of Texas, 1987.
- \_\_\_\_\_. Crescimento, maturação e desenvolvimento humano: processo adaptativo biocultural da espécie. **Revista de Educação Física e Desportos Artus**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.13-21, 1996.
- \_\_\_\_\_. Construção social da atividade motora em áreas emergentes: sobrevivência e/ou saúde. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v.17, p.55-64, 1997.
- \_\_\_\_\_. Construção corporal em áreas emergentes: um enfoque antropológico. In: MARQUES, A.; PRISTA, A.J.; FARIA JUNIOR, A. **Educação física: contexto e inovação.** Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física/Universidade do Porto; Faculdade de Ciências da Educação Física e Desporto/Universidade Pedagógica de Moçambique, 1998. v.1, p.125-37.
- \_\_\_\_\_. **Criança e saúde: um enfoque antropológico.** Santa Maria: Livro da Sociedade Internacional para Estudos da Criança -SIEC, 1999. p.141-56.
- \_\_\_\_\_. O ser ánthropos e a atividade física. **Revista Conexões: educação, esporte, lazer**, Campinas, v.4, p.7-17, 2000.
- \_\_\_\_\_. O ser ánthropos: adaptabilidade, alteridade, diferenças e diálogo. In: CONGRESSO DA SOBAMA, 2001. **Anais...** [S.n.t.], 2001. p.32-4.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre dança em cadeira de rodas. In: FERREIRA, E.L.; ROCHA FERREIRA, M.B.; MADRUGA FORTI, V.A. (Orgs.). **Interfaces da dança para pessoas com deficiência.** [S.l.]: R. Vieira, 2002. p.79-88.
- \_\_\_\_\_. Possibilidades de movimentos artísticos sobre uma cadeira de rodas e a volta dos espetáculos de alta performance. In: Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (Org.). **Dança artística e esportiva para pessoas com deficiência: multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal.** Juiz de Fora: CBDCCR, 2005a. v.1, p.63-74.
- \_\_\_\_\_. Jogos dos povos indígenas. In: ENCONTRO SOBRE LEITURA E ESCRITA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: DESAFIOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, 6., Campinas, 2005. **Anais...** Campinas: ALB, Núcleo de Cultura e Educação Indígena/Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer, 2005b. p.188-204.
- ROCHA FERREIRA, M.B.; FERREIRA, E.L. Dança em cadeira de rodas. In: COSTA, L.P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: Shape, 2005. p.653.
- ROCHA FERREIRA, M.B.; FIGUEIRA-JUNIOR, A.; ALVAREZ, L.; MIHALIUC, A.A.R.; UGARTE, M.C.D. **Relatório de pesquisa dos VIII Jogos dos Povos Indígenas - Fortaleza, Ceará, 2005.** [S.n.t.], 2006. (Apresentado ao Ministério dos Esportes).
- ROCHA FERREIRA, M.B.; MALINA, M.R.; ROCHA, L.L. Anthropometric, functional and psychological characteristics of eight-year-old Brazilian children from low socioeconomic status. In: SHEPHARD, R.J.; PARIZKOVÁ, J. (Eds.). **Human growth, physical fitness and nutrition.** Basel: Karger, 1991. p.109-18. (Medicine and Sport Science, v.31).
- ROCHA FERREIRA, M.B.; ROCHA, L.L. Growth, physical performance and psychological characteristics of disadvantaged Brazilian preschool children. In: DUQUET, W.; DAY, J.P. (Org.). **Kinanthropometry IV.** London: E & FN Spon, 1993. p.256-67.

- \_\_\_\_\_. Growth, development and socio-cultural characteristics of brazilian preschool children. In: PARIZKOVA, J.; HILLS, A.P. (Eds.). **Physical fitness and nutrition during growth**. Basel: Karger, 1998. p.1-12. (Medicine and Sport Science, v.43).
- ROCHA FERREIRA, M.B.; VINHA, M.; FASSHEBER, J.R.M.; TAGLIARI, J.R.; UGARTE, M.C.D. Jogos tradicionais indígenas. In: COSTA, L.P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p.35-6.
- ROCHA FERREIRA, M.B.; ZUCAS, S.M. **Estado nutricional e aptidão física em pré-escolares**. Brasília: SEED-MEC, 1981. (Fundação Nacional de Material Escolar. Premio Liselott Diem).
- ROY, E. Adaptation: a summary and reconsideration. In: ENVIRONMENT, subsistence and system: the ecology of small-scale social formation. London: Cambridge University Press, 1982.
- SÁNCHEZ LABRADOR, J. **El Paraguay católico**. Buenos Aires: Imprensa de Coni, 1910.
- SCHADEN, E. A mitologia heróica duma tribo senhorial: os Kaduveo. In: \_\_\_\_\_. **A mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil**: ensaio etno-sociológico. São Paulo: USP, 1946. p.55-67.
- SILVA, P.T.N.S. **Avaliação da aprendizagem em educação física na escola de 1o. grau**. [S.n.t.], 1993.
- SOUZA, R.E.A.C. **Atletas paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea**. 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- SOUZA, R.E.C.; ROCHA FERREIRA, M.B. Heroínas da adaptação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13., Caxambu, 2003. **Anais...** Caxambu: [s.ed.], 2003.
- SPURR, G.B. Nutritional status and physical work capacity. **Yearbook of Physical Anthropology**, v.26, p.1-34, 1993.
- TAGLIARI, I.A. Crescimento, atividade física, performance e ingestão alimentar em crianças indígenas, urbanas e rurais. 2006. Tese (Doutorado) - FCM, Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- TAGLIARI, I.A.; ROCHA FERREIRA, M.B. Atividade física e performance motora em crianças Kaingang, Paraná, Brasil. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v.4, n.2, p.309-10, 2004. Suplemento.
- TAUSSIG, M. **Mimesis and alterity: a particular history of the senses**. New York: Routledge, 1993.
- TAVARES, S.C. **A reclusão pubertária no Kamayurá de Ipawu: um enfoque biocultural**. 1984. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1984.
- UGARTE, M.C.D. **Homo motor... Ciborgues... Ah! Personas: da revolução industrial à Sociedade da Informação**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- VAZQUEZ, M.H.; GÓMEZ, A.S.K.; MARTIN, P.J.J.; VICENTE, D.B.R.; ROCHA FERREIRA, M.B.R.; CAMARGO, V.R.T. Cultura de los Juegos dos Povos Indígenas. In: VENTOSA, V.J. (Coord.). **Perspectivas actuales de la animación sociocultural: cultura, tiempo libre y participación social**. Madrid: Editorial CCS, 2006.
- VIANNA, F.F.L.B. Olimpíadas indígenas exercitam o diálogo intercultural. In: RICARDO, C.A. (Ed.). **Povos indígenas no Brasil: 1996/ 2000**. São Paulo: Instituto Socioambiental, s.d. p.218-22.
- VINHA, M. **Memórias do guerreiro, sonhos de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens Kadiwéu**. 1999. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- \_\_\_\_\_. Índios Kadiwéu: rivalidade e competitividade, diferentes sentidos entre duas memórias. **Conexões: educação, esporte, lazer**, Campinas, n.4, p.55-62, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Corpo-sujeito Kadiwéu: jogo e esporte**. 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- VINHA, M.; ROCHA FERREIRA, M.B. Esporte entre os índios Kadiwéu. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.24, p.145-58, 2003.
- WEISS, M.L.; MANN, A.E. Human adaptability. In: AN ANTHROPOLOGICAL perspective. Boston: Little, Brown, 1981.
- WELLER, M.J. **Equitação e volteio em populações especiais: uma proposta educacional**. 1998. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ENDEREÇO

Maria Beatriz Rocha Ferreira  
Faculdade de Educação Física /UNICAMP  
Av. Érico Veríssimo, 701 - C.P. 6134  
13083-851 - Campinas - SP - BRASIL  
e-mail: beatrizdevloo@aim.com